

“Balada de maus pensamentos” e outros poemas

João Luís Barreto Guimarães
médico e escritor

Resumo: Este contributo responde, de forma criativa, à problematização das relações entre a literatura e a medicina. Conjugando a experiência da medicina e o exercício da escrita literária, os poemas selecionados dão conta da interrupção da vida pela poesia, por um lado, e da contaminação da poesia pela morte, a doença, a dor e o envelhecimento, por outro.

Palavras-chave: morte, doença, dor, envelhecimento, medicina, poesia

Abstract: This piece of writing answers creatively to the question of how literature and medicine can be interrelated. Combining medical practice and poetry writing, the selected poems address the interruption of life through poetry, on the one hand, and the contamination of poetry by death, illness, pain and aging, on the other.

Keywords: death, disease, pain, aging, medicine, poetry

Cortejo fúnebre

Quando o carro fúnebre passou a morrer
frente ao Café
enterrei a atenção num jornal receando conhecer
aquele nome ao comprido no seu
último passeio pela vila. Os mais velhos
no Café

ousaram até à vidraça comentando
circunstâncias sobre a vida que o
morto tinha. O
sino da torre da igreja soava
tão alto lá fora
os acordes pareciam flechas
alvejando o salão. A
morte não é tudo
na vida pelo que no instante seguinte
todo o povo dispersou e os mais velhos
no Café
voltaram ao dominó
cotejando entre si a última ida ao médico
o mais recente sinal ou
sintoma de doença.
Espreitei a rua para ver se a
morte já ia longe
ainda sentia o sino a latejar na cabeça
dessa vez
(tive a certeza)
tentou ver se levava alguma
coisa de mim.

de *Rés-do-Chão* (2003)

Nota para Marc Tardue

Alguma dor em teu gesto nos fez a
todos recear pudesse ter sido Dvořák
o teu último concerto. *Rien*.
Niente.
Nada disso. Distante da tua orquestra (a solo
num novo mundo) conseguiste conduzir
dedo indicador em riste toda
a sorte de monitores

(allegro molto vivace)

pela pauta do coração. Cuidaste que não tinhas conserto? Pois esta noite lá estarás em São Bento da Vitória. Virás lá detrás dos arcos para dentro de uma ovação. Para junto da tua gente. Percorrerás todo o palco até ao centro do claustro tentarás dividir aplausos (estes serão só para ti). À dorsiflexão da batuta (vemo-la como um sinal) saberás retribuir com a mais pura das artes. Bem mais vadia é a poesia.

de *Luz Última* (2006)

Um carro para Eugeniu Cercavschi

Sob o signo do torpor deixou-se o Honda vermelho a um médico moldavo próximo de meu irmão. Trezentos e poucos contos (isto em cheques divididos) nem a mãe fica a doer (forrando em mágoas e óleo) nem se engodou o colega que ainda há dias me saudou no seu português *pefeito* entre uma hérnia e um enfarte. Acontece-me agora estar sempre a figurar meu pai cada dia aparcado sob uma copa diferente. Nunca me cruzo com ele (teremos percursos diferentes) dizem-me: agora habita onde o próprio Deus habita (Deus e o meu pai morreram no mesmo dia). Quanto a

Eugeniu Cercavschi
com gosto lhe firmo a mão
foi preciso ele chegar de Chişinău
na Moldova para alguém o trazer de volta aos dias -
à idade.

de *A Parte pelo Todo* (2009)

Bom dia, a Barbara Marzec

Quando Barbara entrou na Pequena Cirurgia
(para resolver a lesão da hemiface esquerda)
ninguém contava que eu lhe pedisse para
dizer
Wisława Szymborska. Era
uma mancha disforme de
tantos por tantos centímetros
cuja excisão resultou
(graças a Deus?)
completa. Barbara levantou a voz e nisto
todos estacaram -
eu senti-me transportado pelo afã do asfalto
(o cheiro a anestésico qual
odor a gasolina). De modo que estou a contar
(compreendo perfeitamente) ser
chamado à Direcção. E ainda que tenha seguido
a elegância dos livros
(um *Vycril* 4-0 para os pontos invertidos
Monocryl 5-0 para a cesura da pele)
não espero senão
a expulsão.

de *A Parte pelo Todo* (2009)

Botox®

Procura as minhas mãos uma mulher
nos quarenta
pedindo que lhe atrase o Outono dos
olhos
cansados: «Só queria perder dez anos.» E
penso no que de amargo possa ter acontecido
para a ter a desejar punir
um decénio à idade -
dou comigo a lamentar não saber delir
memórias somente
rugas e ríduladas (ruínas
pouco marcadas). Na armadilha do tempo
ninguém tomba por engano: não
se expurga a pele por décadas quanto muito
dano a
dano.

de *A Parte pelo Todo* (2009)

História clínica

As mamas da Dona Ana eram um sítio maravilhoso. Maduras (qual par de mangas) de entre elas saíam coisas extraordinárias (notas de 5 para os netos lenços bordados no Minho) uma ou outra *medalha* do mau-génio do marido. Dessa vez veio à cidade e o doutor ficou com uma - ela deixou de poder encravar no meio delas tudo aquilo e os santinhos (deste lado uma colina alta e generosa desse um prado dividido). Num ano levou-lhe a outra e outra levou-lhe o marido (ainda há mulheres com sorte:) está enfim livre de perigo.

de *Você está Aqui* (2013)

Confissão a Hipócrates de Cós

Lembro-me daquela vez em que tratei
um carpinteiro. Sobre a mesa de operar nada
mais que o habitual -
quem nos visse a trabalhar (à
minha colega e a mim) diria
que a dança técnica seguia na perfeição
(os dedos da
mão doente tanta vez tão maltratados:
eram mais os que faltavam do que os dedos
por ceifar)
nunca mais aquela mão havia de pedir boleia
celebrar uma vitória
cursar com o dedo do meio.
Debaixo da mesa porém dava-se o
que vou contar: o
joelho dela ficou por entre
os meus joelhos e (escutem:)
tenho a certeza
(bem sei que foi um instante mas tenho
quase a certeza) algo em mim parecia vivo
(o lume daquele instante ainda hoje o sinto)
perdidos vão tantos anos ainda arde
a sua ausência como o rapaz diz que sente (e
acreditem que acredito:)
a ponta dos dedos ceifados.

de *Mediterrâneo* (2016)

Balada dos maus pensamentos

As
perucas das senhoras em quimioterapia uma
vez por semana fogem para o
cabeleireiro. As donas
calvas
das perucas têm que ser pacientes -
sair de lenço à cabeça
(ocultando a alopecia)
passeando o infortúnio até a noite baixar.
Há que dar tempo às perucas. Mais que
nunca estão exaustas da doença prolongada
e não prescindem do ensejo de
lavar e pentear até
se sentirem refeitas. Há que apoiar as perucas
nesta fase complicada. Não é fácil
escutar as donas o dia inteiro
a ter tão
maus pensamentos.

de *Mediterrâneo* (2016)

Aula de anatomia do Professor Karl Breuing

Envolta em panos cirúrgicos (um cheiro intenso a formol) esta mulher desconhece o que lhe fazem ao corpo.

«Mrs. Riley are you there? May I call you Mrs. Riley?»

Um cadáver não responde. Nem este nem nenhum dos outros que doados à ciência vão permitir avançar de onde esta vida parou. *«Are you still there Mrs. Riley? May we call you Mrs. Riley?»*

Mrs. Riley já não está. Para trás deixou o corpo à guilda de cirurgiões (não para dissecar um membro como usava Dr. Tulp) antes recriar o seio que a doença levou. No teatro anatómico da Universidade de Bristol a memória dos mortos está na atenção dos vivos. *«Are you still there Mrs. Riley? Shall I call you Mrs. Riley?»*

Num instante Mrs. Riley estará de novo completa - nas mãos do Professor Breuing será como repetir Deus.

de *Mediterrâneo* (2016)

O cheiro do corredor

O
corredor de hospital onde se aguarda a notícia é
escuro
e abafado. As cadeiras de plástico (polidas e
pacientes) aceitam familiares com
um único objectivo: «positivo
ou negativo?» O medo
bebe um cigarro
(fuma o terceiro café)
julgando furtar-se ao cheiro que habita
o corredor -
um cheiro iniludível que invade a memória
acerbando a angústia que antecede
o veredicto: «negativo
ou positivo?» As mãos
tecem litánias
algemadas a um terço (a esperança é o nervo
quando a crença é o músculo) e o
cheiro do corredor fica colado à resposta que
chega pelo fim do dia
devolvendo ordem ao mundo: «Negativo.»
«Negativo?»
«É negativo.»

de *Nómada* (2018)

Nota

* João Luís Barreto Guimarães (Porto, 1967) é médico e escritor. Divide o seu tempo entre Leça da Palmeira e Venade. Publicou 10 livros de poesia, os primeiros sete reunidos em “Poesia Reunida” (2011), a que se seguiram “Você está Aqui” (2013), “Mediterrâneo” (2016), que recebeu o Prémio Nacional de Poesia António Ramos Rosa e foi publicado em Espanha/México e em Itália, e “Nómada” (2018). Em 2019 foi publicada a antologia *O Tempo Avança por Sílabas* que reúne 100 poemas escolhidos pelo autor dos 10 livros de originais que publicou até ao momento.